



## **A MOEDA TEM DOIS LADOS: um deles é Machado; o outro, Silviano**

**Washington Batista Leite<sup>1</sup> & Pedro Henrique Alves de Medeiros<sup>2</sup>**

Com grande respeito, ao nosso amigo Silviano

A utilização do artifício autobiográfico cumpre função metafórica, ao serem aproximadas referências documentais que respondem tanto pela ambiguidade e *transfiguração do ficcional*, quanto pela contextualização da escrita de Silviano como intelectual.

SOUZA. *Janelas indiscretas*, p, 180. (Grifo nosso)

Embora se inspire em fatos e pessoas reais, esta é uma obra de ficção.

SANTIAGO. *Machado*, p. 04.

Ao recebermos o convite para produzirmos a resenha desta edição, com muita lisonja, optamos por nos posicionar não nos fechando totalmente ao molde de resenha, mas, sim, um ensaio em que todos que leiam comunguem de nossas considerações e apreço pela obra. Cabe ressaltar que o livro faz parte de nossas leituras e pesquisas no Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, marcado pelo *entrelugar*, lugar do qual erigiremos nossa discussão.

Suplementarmente, palavras, como as das epígrafes acima, ilustram o que permeará nosso debate teórico-crítico. A primeira, das duas citações, por Eneida

---

<sup>1</sup> Licenciado em Letras pela UFMS, mestrando em estudos de linguagens, bolsista CAPES/CNPq e membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC). E-mail: tonbatista@gmail.com

<sup>2</sup> Graduando em Letras pela UFMS, bolsista PIBIC/CNPq e membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC). E-mail: pedro\_alvesdemedeiros@hotmail.com

Maria de Souza, em *Janelas Indiscretas*, destaca a utilização do artifício autobiográfico empregado com excelência no romance, ancorado por pontes metafóricas que se fundem ao arquivo transfigurando-se e inspirando Santiago a contextualizar as barreiras do ficcional e do fatídico na obra. Nesse sentido, o papel intelectual do escritor incorpora de maneira emblemática o que tentaremos explorar em nosso trabalho de escrita; a segunda, antes da leitura, acima da ficha catalográfica do livro, informa o leitor em tom de informação aos desavisados, algo a se desafiar ou desconfiar que comentaremos mais adiante.

Torna-se oportuno informarmos que *Machado* é a penúltima obra do crítico literário, ensaísta e escritor Silviano Santiago, dito pelo próprio autor como “o romance da sobrevivência, ou da sobrevida, em que fala o guloso decrépito”<sup>3</sup>. Dividido em dez capítulos, intitulados: I. Carlos de Laet, Machado de Assis e Gustave Flaubert; II. 29 de setembro; III. Os vitoriosos; IV. 23 de fevereiro de 1906, dez horas da manhã; V. A Roda da Fortuna, a Roda dos Enjeitados; VI. A escada e o lustre: a solidariedade humana; VII. A ressurreição dos mortos; VIII. A faca tem duas pontas, uma delas é assassina; IX. Manassés e Efraim e X. Transfiguração, Santiago perpassa desde a referência de Flaubert ao diálogo com a obra de Rafael para ler a trama romanesca.

214

Diante disso, detendo-se aos últimos quatro anos de vida do viúvo e escritor Machado de Assis, “detém-se em observações pormenorizadas sobre as crises epiléticas que se agravam na velhice do romancista”<sup>4</sup>, Santiago brinca com os gêneros literários. Ora a narrativa possui caráter ensaístico e (auto)biográfico, ora romanesco. À luz de uma consciência atravessada por hipóteses de ordem imaginativa, ficcional – como já anuncia a epígrafe de Sartre no início do romance – o autor mineiro mescla elementos textuais que nos leva a adentrar um hibridismo que Santiago, enquanto escritor e crítico, exerce de modo impecável.

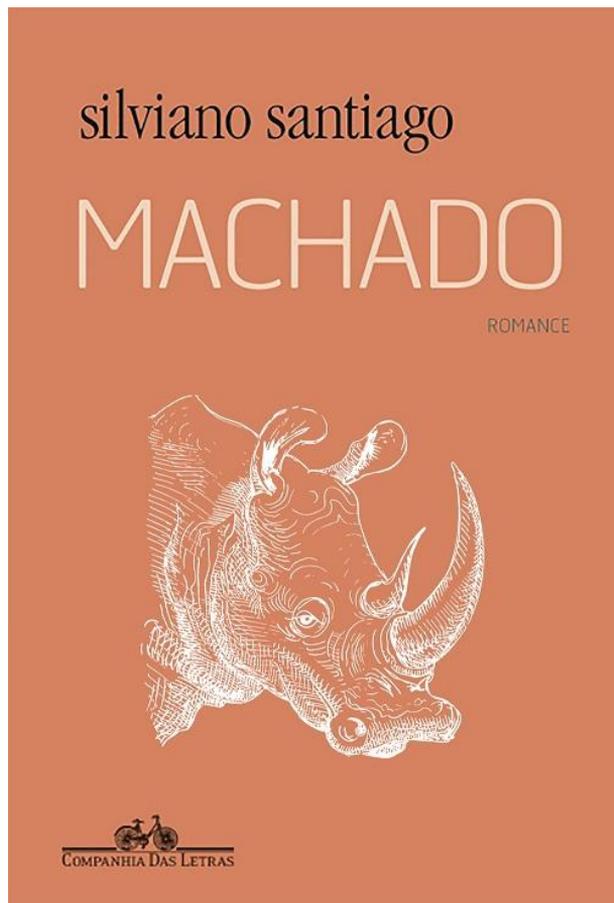
Damos início à leitura de *Machado* para os *Cadernos de estudos culturais*, indagando a respeito da sua capa. Frente a tal questionamento, nos surgiu uma pergunta inicial: “Por que a reprodução de um rinoceronte?” Diante dessa dúvida sem resposta, indagação de nós leitores, decidimos enviar um *e-mail* ao autor. E,

---

<sup>3</sup> SANTIAGO *apud* LESSA. O feroz inquieto, p. 09.

<sup>4</sup> SANTIAGO *apud* LESSA. O feroz inquieto, p. 06.

para a nossa surpresa, Santiago nos responde de maneira rápida, objetiva e muito solícita. No que concerne à leitura da capa do romance, observemos:



215

Figura 1 – Capa do romance *Machado* (2017)

Fonte: Biblioteca Pessoal

No corpo do e-mail, Santiago deixa explícito que a imagem do rinoceronte é mero acaso, “Na verdade, é o Acaso que tudo explica.”<sup>5</sup> que se deu por escolha da editora Sofia Mariutti da Companhia das Letras. Após mais de uma sugestão apresentada, Mariutti tendo conhecimento da futura publicação de *Genealogia da*

---

<sup>5</sup> SANTIAGO. *Machado*, p. 109.

*ferocidade*<sup>6</sup> sopra esse fato ao designer da editora que apresenta a arte ao escritor. Por conseguinte, o autor opta pela figura animalesca que, de certa forma, substitui, ao nosso olhar, a figura do hipopótamo que permeia o romance machadiano. Segundo Santiago:

Caro Pedro, lamento que não haja UM significado para a capa do romance *Machado*. Foi produto do acaso. Posso, quando muito, historiar as surpresas proporcionadas pelo acaso.

Quando entreguei os originais do romance, ainda estava na Companhia das Letras Sofia Mariutti (a quem, aliás, agradeço ao final do livro). Ela me enviou duas sugestões para a capa. Uma delas, que não gostei nada, era um bico de pena de casa/residência típica do século dezenove carioca. Uma espécie de sobrado. Não podia aceitar. A outra, que não entendi muito, me seduziu pelo mistério que ela continha. Em lugar do clássico hipopótamo machadiano, a figura de um rinoceronte. Gostei imediatamente. Talvez Sofia tenha soprado ao designer da Editora que eu estava escrevendo, ao mesmo tempo em que escrevia Machado, um ensaio sobre a ferocidade em *Grande Sertão: Veredas* (já deve imaginar que se trata do livro já publicado há dias *Genealogia da ferocidade*).

Retrospectivamente, acho que gostei do rinoceronte porque representava minha nova fase como escritor. Certo tratamento feroz com a tradição literária brasileira que, confesso, ganhou corpo escrito aí na Universidade onde estuda. Fui convidado pelo bom amigo e colega Edgar para falar sobre *cultural studies*. Posteriormente, veja as armadilhas que nos prega o acaso, o colega e amigo Joca Wolff, de Santa Catarina, me escreve perguntando se o rinoceronte da capa tinha a ver com o mesmo animal que se encontra na capa do livro de Flora Sussekind, *Tal Brasil, qual romance?* Estou sendo sincero, fui pego de surpresa. Dei uma olhada na capa (veja o link abaixo) e lá está também o feroz animal. Acrescente-se que o ensaio de Flora foi tese de mestrado defendida na PUC-RJ e orientada por... mim. Já vê que a história, como os enigmas, nunca terá fim.

Obrigado pelo interesse e pela leitura do romance.

Aceite o abraço amigo do  
Silviano.<sup>7</sup>

Santiago destaca em maiúsculo que não existe apenas UM significado para a capa; todavia, podemos ler na citação supracitada que tal questão está

---

<sup>6</sup> Livro ensaístico recém lançado por Silviano Santiago sobre a ferocidade em *Grande sertão: veredas* de Guimarães Rosa.

<sup>7</sup> SANTIAGO. *Versão eletrônica por e-mail* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por pedro\_alvesdemedeiros@hotmail.com em 04 de abril de 2017.

pontualmente explanada com observações do autor. Nesse segmento, resolvemos retomar o caso do animal para esclarecer tal Acaso, (posto no livro com inicial maiúscula), como sujeito que “viaja no dorso do hipopótamo – assim Machado o imagina e imagina a si cavalgar o animal selvagem e em perfeita simbiose com ele”<sup>8</sup>, sendo assim, o animal escolhido poderia, sim, ser o hipopótamo por estar presente na narrativa, uma vez que “o viajante da máquina do tempo chamada hipopótamo enxerga como se tornam paralelos os fatos divergentes da vida”<sup>9</sup> como se fossem indissociáveis.

No próprio paratexto do romance, já podemos encontrar uma questão singular: o autor (re)afirma seu caráter ficcional: “Embora se inspire em fatos e pessoas reais, esta é uma obra de ficção.”<sup>10</sup> Isto é, antes de adentrarmos a narrativa, já somos alertados que o livro está atravessado pela ficção. Todavia, o aviso não basta. O romance proposto por Santiago engendra uma crítica latente em si que relê na diferença a tradição literária brasileira, contribuindo para a fortuna crítica biográfica do autor e, sobretudo, esfumando as fronteiras entre ficção e teoria.

Outro fator para explicar, dito de maneira breve acima, é a transfiguração que podemos realçar no romance, a imagem posta como paratexto pintada por Rafael (1519-20), titulada *Transfiguração*, e o capítulo X com mesmo título. Durante a leitura é apontado que a obra se manteve em exposição por determinado tempo, sendo transportada e possivelmente perdendo sua aura, quem sabe enterrando sua “transfiguração”, já que a tela “deixa o reino de onde a obra de arte se quer eterna para entrar em domínio contíguo e precário, o da própria vida”<sup>11</sup> sob uma leitura metafórica se refere à escrita de Machado muitas vezes adubada pela curiosidade em relação à obra de arte. Ainda sobre o quadro temos:

A soma incongruente dos fatores pipoca na sua imaginação criadora e a encanta. Dedicar-se a traçar, na folha de papel em branco, linhas paralelas incompletas e frágeis, que mal se sustentam quando penduradas no cabide das reticências da escrita

---

<sup>8</sup> SANTIAGO. *Machado*, p. 109.

<sup>9</sup> SANTIAGO. *Machado*, p. 109.

<sup>10</sup> SANTIAGO. *Machado*, p. 03.

<sup>11</sup> SANTIAGO. *Machado*, p. 384.

literária; linhas paralelas, negras e quase obscuras, cujo significado é apenas sugerido ao leitor atento dos seus romances.<sup>12</sup>



Figura 2 – *Transfiguração*, Rafael.

Fonte: *Machado*

---

<sup>12</sup> SANTIAGO. *Machado*, p. 385.

Dando continuidade, Machado de Assis dialoga com uma frase de Nabuco e não se contenta com a opinião negativa sobre a obra em questão. Entretanto, “absurdos desmandos da atualidade imperial e dos antigos tempos coloniais os separam e só poderão uni-los em tempos republicanos, quando abraçam a busca da justiça indiscriminada para todos os cidadãos brasileiros, separadamente.”<sup>13</sup> Amigos fraternos, “sem serem amigos íntimos, Machado e Nabuco são mais associativos que competitivos”<sup>14</sup>, a relação de ambos é marcada pela modernização da cidade do Rio de Janeiro, e “entremeia o panorama da capital federal a se modernizar com análises das relações sociais e políticas entre escritores que se definem pela monarquia ou pela República”<sup>15</sup>.

Além disso, em diversos momentos, o narrador do romance, possivelmente Santiago, adentra a narrativa e mescla-se aos personagens. Esse efeito produzido pelo autor mineiro dilui ainda mais as barreiras quanto às esferas de gênero literário. Em algumas situações, acreditamos estar lendo de fato um romance, com vários personagens e um enredo complexo. Contudo, essa característica romanesca é mutável na medida em que a escrita ensaístico-biográfica faz-se presente por todo o corpo doente do romance de Santiago:

Bato finalmente à porta do chalé do Cosmo Velho. Atende-me Machado de Assis. Saúda-me e logo me conduz ao gabinete. Mostro-lhe uma reprodução da harmoniosa escada simétrica fabricada em Bugres e exportada para Belo Horizonte. Tão bela quanto uma borboleta ao levantar voo, ela permite a ascensão do andar de baixo a superior no Palácio da Liberdade. Estamos em 1906.<sup>16</sup>

Segundo o próprio autor em entrevistas recentes, o romance *Machado* é sim uma conjunção de vários gêneros; entretanto, pode ser definido, substancialmente, como um romance de sobrevivência. Em nossa leitura, essa classificação se dá de duas formas: primeira, no que tange ao personagem machadiano sob o olhar admirador de Santiago no romance; segunda, em relação à própria narrativa em que, Mário de Alencar, discípulo de Machado, está intrínseco ao romance de

---

<sup>13</sup> SANTIAGO. *Machado*, p. 389.

<sup>14</sup> SANTIAGO. *Machado*, p. 390.

<sup>15</sup> SANTIAGO *apud* LESSA. O feroz inquieto, p. 06.

<sup>16</sup> SANTIAGO. *Machado*, p. 222.

sobrevivência do pai espiritual – posição que o narrador do romance definira. Logo:

Encarnação da arte como metáfora da vida, encarnação do artista como metáfora do ser humano. Machado de Assis, como protagonista a atuar no palco desta narrativa, não vive mais com amor, fúria ou desdém as incertezas e as asprezas do dia a dia. Pelo esmero com que arma os gestos básicos de sobrevivência do corpo e do espírito que os desenha, como mímico no espaço da página em branco, aplica-se como aluno disciplinado ao ritual da vida diária pelo esforço gratuito, ritmado e belo das mãos que escrevem.<sup>17</sup>

O ato de sobrevivência é basilar em nossa leitura, visto que está imbricado tanto na vida de Machado de Assis, quanto na de Santiago. Naquele, relaciona-se aos aspectos patológicos, como a epilepsia, à solidão após a morte de Carolina e às questões sociopolíticas que o autor realista vivenciara, a modernização do Rio de Janeiro é uma delas. No que tange à sobrevivência em Santiago, podemos aferir que, de certa maneira, ao falar do outro, o mineiro fala de si mesmo<sup>18</sup>. Pois o estilo de vida que Santiago possui hoje, quer queira, quer não, assemelha-se ao de Machado no século XIX. Conforme o romance: “Em Machado de Assis, o poeta solitário e sobrevivente, só pode enviar um recado dolorido à defunta. Lembro o famoso soneto escrito a Carolina: “Trago-te flores – restos arrancados/Da terra que nos viu passar unidos/E ora mortos nos deixa e separados”<sup>19</sup>.

220

A solidão é uma das características comuns entre Machado e Santiago. Ao fazer um recorte histórico e optar por narrar os últimos quatro anos solitários do autor realista, Santiago parece enxergar no outro, metaforicamente, sua própria vida. Em entrevistas atuais, especificamente a cedida ao jornal O Globo, Santiago pontua a profunda solidão vivenciada por morar sozinho em seu apartamento no Rio de Janeiro e o constante medo de que seja uma empregada a encontrar o corpo morto. Por isso, podem ser enxergadas duas solidões no romance. Ambos os escritores vivenciam a avançada idade, o hábito de morar sozinhos pelos cuidados de empregadas e a obsessão pela literatura. O mineiro afirma:

---

<sup>17</sup> SANTIAGO. *Machado*, p. 66.

<sup>18</sup> Cf. *Janelas indiscretas* de Eneida Maria de Souza.

<sup>19</sup> SANTIAGO. *Machado*, p. 255.

— São duas solidões no livro. A do Machado, de viúvo, solto pela cidade do Rio, e a minha — diz o escritor. — O Machado desses últimos anos vivia num timing especial, em que cada segundo passa a ser importante, em que os olhos se demoram na janela, o corpo passa a funcionar em câmera lenta... É o timing da idade e do luto. Me fascina escrever sobre esse tipo de experiência da velhice, em que o prazer enquanto tal desaparece aos poucos, em que até a sexualidade muda, e vamos nos descampando por compensações. Moro sozinho em meu apartamento, e às vezes parece horrível. Meu maior medo é que só a mulher que faz a limpeza vai descobrir o meu corpo.<sup>20</sup>

Já no tocante à solidão machadiana, temática recorrente no romance, Santiago se delonga de maneira contumaz a enfatizá-la e descrevê-la, principalmente no ato de produzir literatura, arte compartilhada por ambos os sujeitos. Após a morte da esposa Carolina, Machado de Assis se sente diariamente assolado por crises epiléticas e pela solidão que o consome dia após dia até a morte – por mais que o escritor se nutrisse de uma forte amizade com Mário de Alencar:

Machado reconsidera a dor que sente pelo viés da ansiedade silenciosa de Mário. Sofre a crescente solidão não mais com a intensidade da força que o carrega para a depressão e o obriga a se entregar de mãos atadas à lamúria e à confissão ao interlocutor. Sofre-a profunda e intimamente, mas como se fosse cavaleiro medieval protegido pela ansiedade silenciosa e perturbadora de Mário. A armadura o blinda e o resguarda da dor causa pelas violentas e sucessivas pancadas que lhe são desferidas pela doença, pelos remédios e pela alimentação na velhice. Elas o derrubam e o jogam no chão, como se ele fosse coisa amorfa, já desprovida de sentido, e pronta para a morte.<sup>21</sup>

Outro ponto de relevância biográfico-crítica é o diálogo que Santiago mantém com a tradição literária brasileira, por mais que na diferença, e as amizades estabelecidas, tanto pelo escritor-crítico, quanto pelo realista carioca. Amizades reais, Machado e Mário de Alencar, ou até mesmo literárias intermediadas pelas pontes metafóricas construídas pela crítica biográfica, Silviano, Machado, Graciliano Ramos ou até Guimarães Rosa.

---

<sup>20</sup> SANTIAGO *apud* TORRES. Em seu novo livro, Santiago narra os últimos anos de Machado de Assis, s/p.

<sup>21</sup> SANTIAGO. *Machado*, p. 308.

Relacionado ao primeiro ponto, tradição literária, Silviano a estabelece por trazer à tona, primeiramente, a maior figura do realismo e, na sequência, um dos maiores escritores do romantismo brasileiro. Machado de Assis e José de Alencar são autores recorrentes no romance de Silviano e são (re)lidos pelo olhar crítico e nada estrábico de um escritor e crítico literário que dialoga com as novas gerações e, sobretudo, com as teorias mais contemporâneas, como a crítica biográfica. O escritor mineiro tem o cuidado de se utilizar de *personas* intrínsecas a um cânone, sem (re)afirmar um discurso hegemônico e estetizante por excelência. De modos distintos, Machado e Santiago subvertem a tradição:

Corte, abertura e digressão, se somados, são a forma mais autêntica e corajosa de Machado de Assis interromper, subverter e corroer a tradição oitocentista do romance realista que caminha na cadência do sentido linear e evolucionista da trama e da história social. Como o carro com problema na caixa de mudança de marcha, a narrativa de Machado caminha aos solavancos, e é só assim que ela funciona à perfeição. Safanão e digressão – todos os cinco elementos *trademark* do estilo de Machado de Assis.<sup>22</sup>

Referente às amizades, Machado e Silviano possuem grandes amigos, acima de tudo, literários. A maior amizade proposta no romance de Santiago consolida-se a partir de Mário de Alencar, amigo e filho espiritual de Machado. A figura paternal do escritor realista carioca é determinante para a pseudo ascensão<sup>23</sup> e reconhecimento de Alencar. Esse relacionamento chega a tal ponto que: “O discípulo e o aprendiz não tem dificuldade em se metamorfosear em viseira que resguarda e alivia os olhos cansados do guia e do mestre.”<sup>24</sup> Durante toda a narrativa, os dois escritores compartilham a mesma patologia e o semelhante amor à literatura.

Apesar dessa forte amizade, a solidão machadiana ainda é medular no romance, tal qual a de Santiago para com os amigos literários. A diferença reside no fato de que mestre e discípulo compartilham de forma confessional suas angústias, principalmente acerca da patologia que habita seus corpos epiléticos. A influência entre esses intelectuais é tamanha que, em certo momento da narrativa, o médico de Machado cogita a possibilidade de Alencar estar imitando o

---

<sup>22</sup> SANTIAGO. *Machado*, p. 281.

<sup>23</sup> Pseudo, pois, após a morte de Machado, Mário de Alencar continua no esquecimento.

<sup>24</sup> SANTIAGO. *Machado*, p. 339.

comportamento patológico e depressivo do mestre: “Pela convivência diária e respeitosa com o mestre, Mário deixa seu comportamento diário se modelar pelo ambiente mórbido [...] que reina no chalé do Cosme Velho. A silencia é sintoma de profunda depressão.”<sup>25</sup>

O outro lado da moeda pertinente à amizade arrola-se nas várias amizades literárias que Silviano Santiago estabeleceu no decorrer de sua vida enquanto crítico e escritor. Algumas delas são: Graciliano Ramos, Machado de Assis e, a mais recente, Guimarães Rosa. Todos esses autores são amigos do mineiro sob a luz metafórica da literatura. Contudo, aos moldes machadianos, a obsessão pela literatura só (re)afirma a solidão intrínseca ao *bios* de Santiago. Aos 80 anos, o escritor publica dois livros de grande fôlego para a crítica literária brasileira, *Machado* e *Genealogia da ferocidade*, que se detêm às obras do amigo Machado e Guimarães Rosa, respectivamente. Santiago pontua:

“Machado” é um livro de profunda erudição – o que pode torná-lo difícil em alguns momentos. Mas ele fica como uma espécie de herança por seu autor.

“Não sentei e escrevi. É um livro que eu já tinha comigo. Ele fica como legado de uma certa erudição que eu possa ter. Um legado à literatura brasileira e, em especial, à sua figura maior, que é Machado”, afirma Silviano.<sup>26</sup>

*Machado*, enquanto romance de sobrevivência, aos moldes ensaísticos com uma crítica latente que pulsa no seu corpo epilético, em nossa leitura, se consolida como uma herança para a crítica e, sobretudo, para a literatura brasileira. Santiago, estabelecendo diálogo com as novas gerações, derruba as divisões bem definidas dos gêneros literários, mesclando-os. Em certas situações, a narrativa se esfuma para dar lugar à escrita ensaística que traz em seu bojo a crítica imbricada no *bios* de Santiago. Para o escritor, liberdade não existe apenas na produção ficcional<sup>27</sup>.

---

<sup>25</sup> SANTIAGO. *Machado*, p. 140-141.

<sup>26</sup> SILVIANO *apud* MEIRELES. Em livro sobre Machado, Silviano Santiago une crítica e romance, s/p.

<sup>27</sup> Conferir entrevista concedida por Silviano Santiago à Folha de São Paulo: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/12/1840811-em-livro-sobre-machado-silviano-santiago-une-critica-e-romance.shtml>

Silviano Santiago, ao discorrer e trabalhar de maneira orgânica as relações entre vida e obra dos últimos quatro anos - pouco explorados pela crítica, diga-se da passagem - de Machado de Assis, dá seguimento à produção ficcional do carioca. O processo de elaboração do romance *Memorial de Aires* atravessado pela epilepsia é um dos temas pujantes da narrativa machadiana de Santiago. Por mais que Machado fosse alvo de constantes e quase diárias crises causadas pela patologia nervosa, isso nunca o impediu de dar seguimento a sua literatura. Muito pelo contrário, por vezes, a doença funcionara como um motor para que o realista escrevesse:

Do lado de fora e também do lado de dentro do trabalho que faz, é o artista doente que se alonga e se robustece pelo esforço hercúleo, febril e inédito, cujo fim é esbanjar, no ato extenuante de criar, o que lhe falta e, no entanto, sobre nos companheiros e nos pares contentes com a mediania – a boa saúde, que é distribuída democraticamente a maioria dos mortais.<sup>28</sup>

Outra contribuição deixada pelo romance *Machado* refere-se à representatividade que Santiago dá à epístola machadiana. Em síntese, houve um esquecimento por parte da crítica no que convém às cartas trocadas por Machado de Assis, com Mário de Alencar ou José de Alencar, por exemplo. Enxergando essa lacuna, o escritor mineiro se utiliza desse recurso em seu romance. O que é de suma importância para sujeitos como nós, pesquisadores sob o recorte epistemológico da crítica biográfica.

Assim, na esteira de uma leitura biográfica, as cartas se fazem basilares para uma leitura mais íntima do autor, visto que esse recurso torna o que é da ordem privada, pública. Além disso, a epístola nos possibilita uma maior compreensão do contexto histórico e social do período em que os escritores as trocaram. Esse último ponto torna-se interessante na perspectiva machadiana, sob o olhar de Silviano, na medida em que o mineiro se detém, em um das temáticas, à posição contrária de Machado à modernização do Rio de Janeiro.

Desse modo, ao se utilizar de um recurso tão negligenciado pelos estudiosos, Santiago contribui para a biografia de Machado de Assis. Pois tece seu discurso a partir de um objeto que não se encontra no centro de interesse da crítica e relê o *bios* machadiano por artifícios documentais pouco explorados.

---

<sup>28</sup> SANTIAGO. *Machado*, p. 32.

Recentemente, publicou-se uma compilação de cartas escritas por Machado; entretanto, tal obra não se detém às respostas das cartas, apenas ao que o carioca escreveu. O que, de fato, torna-se incompleto. Por mais que Mário de Alencar fosse visto de maneira medíocre pelos intelectuais da época, sua amizade espiritual se fizera substancial para Machado. Logo, ambas as correspondências são necessárias:

Pelo caminho dos leitores atentos e obsessivos de Machado de Assis, as cartas trocadas deixam o rastro da criação literária que, ao testemunhar sobre a cegueira da antiga musa e sua afasia inspiradora, perdura no tempo como testamento dos afligidos pela convulsão, ou como dívida acumulada, de que cada um dos devedores ou os dois devedores nunca estarão quites.<sup>29</sup>

A esfera epistolar no romance *Machado* se molda como um dos planos narrativos mais importantes, pois é através dessa interpretação documental que Silviano permeia algumas temáticas como amor, sofrimento, vida literária, amizade ou até mesmo patologias nas digressões entre vida e obra do escritor mulato. É através das cartas que o narrador consegue extrair as intimidades trocadas entre amigos e utilizá-las como recursos documentais para complementar a biografia machadiana. Podemos usar como exemplo a carta que encerra o romance de Santiago, escrita por Mário de Alencar após a morte de seu mestre:

225

---

<sup>29</sup> SANTIAGO. *Machado*, p. 238-239.

Tijucas, 24 de Dezembro de 1908

Meu caro Amigo,

Recebi hontem as suas cartas de 21.

22. Deram-me prazer grande, ainda que me avisaram a verdade do nome Machado. Não só porque falavam delle, como porque nos outros anos e no principio deste aqui me vinham as suas carinhosas cartas, que ha pouco tempo reli, depois de ver as que eu de cá lhe havia escrito. A sensação de sua falta não tem diminuido, parece-me ao contrario que vai aumentando com o decorrer dos dias. Tenho presente a meu olhos o quadro mortuario, vejo-o naquella modesta cama em que o vi os tres ultimos dias, reproduzem-se os seus gestos, as suas palavras; e tudo me fica no visão, como uma sombra que escurece o espectáculo da vida. Presumo que si elle em seu tempo me visse, quando na cidade eu me occupava em compor os papéis delle, havia em mim um contranimento espiritual que em certos momentos se tornava intoleravel; não me distraia então a natural curiosidade de que podia encontrar ali de prezioso. Firmeiramente tambem eu me sentia mal, porque até aquelle cheiro caracteristico da malicia de boca reaparecia insistentemente. Tinha

Figura 3 – Carta de Mário de Alencar acerca da morte de Machado de Assis.

Fonte: Biblioteca pessoal

Acerca de todas essas proposições engendradas por Silviano Santiago, para nós, leitores crítico-biográficos, um dos maiores legados que o romance *Machado* deixa é a criação de uma autobiografia do mineiro ao investigar a vida do outro. Santiago vê o reflexo de sua vida solitária ao narrar os últimos anos do escritor

carioca: “Sou o outro sendo eu.”<sup>30</sup>. Assim, ambos os autores são lados opostos de uma mesma moeda, ora é cara, ora coroa. Intermediados por uma proposição de ordem metafórica e íntima, *transfiguram-se*, o Machado de Assis que lemos no romance é o Machado de Silviano. O que já se anuncia desde o título do livro. Segundo Edgar Cézár Nolasco:

A cada relação proposta pelo crítico biográfico, uma história pessoal alheia é invadida pelo “decifrador de vidas alheias” e, por conseguinte, um “romance familiar” é estabelecido por meio do “intrusão” que usurpa o lugar, o desejo e, às vezes, a vida do outro. É nesse sentido que entendemos que qualquer produção de natureza crítica biográfica é, em algum sentido, a escritura *de uma autobiografia (do próprio crítico)*.<sup>31</sup>

Nesse sentido, os dois intelectuais se incorporam por intermédio da moeda literária. Em vários momentos, podemos interpretar que, quando Santiago descreve Machado, fala de si, sobretudo, no que convém à solidão. O ato de encontrar-se só no mundo perante a produção literária aquilata o *bios* tanto de um, quanto do outro. Escritores ligados pela arte. Como Eneida Maria de Souza afirma em *Janelas indiscretas*, a vida imita a arte:

As estradas das respectivas vidas perdem balizas cronológicas para que, em rebeldia à sucessão dos anos e dos séculos, se transformam num único caminho, transitável por ele, o protagonista Machado, e por mim, o personagem Silviano. Seremos companheiros de caminhada [...]<sup>32</sup>

Machado & eu somos duas faces diferentes, impressas numa moeda ainda desprovida de valor simbólico. A escapada do passado em direção ao futuro, ou a viagem do futuro em busca do passado, transfigurará aos dois na cara numa moeda única chamada Literatura. Duas caras, uma só coroa.<sup>33</sup>

Além disso, *Machado* é rico em “coincidências”. Para nós, uma das mais importantes refere-se às datas de nascimento e morte dos escritores. 29 de setembro marca o encontro metafórico dos amigos literários. Um nasce em Minas Gerais, especificamente na cidade Formiga. O outro morre na então capital

---

<sup>30</sup> SANTIAGO. *Machado*, p. 49.

<sup>31</sup> NOLASCO. Políticas da crítica biográfica, p. 41.

<sup>32</sup> SANTIAGO. *Machado*, p. 51.

<sup>33</sup> SANTIAGO. *Machado*, p. 57.

federal, Rio de Janeiro. Desse modo, Silviano Santiago, com 80 anos, ao publicar o romance sobre um dos seus escritores preferidos, eterniza sob o viés literário o laço que une a admiração à (auto)biografia:

[...] as fantasmagoria do narrador deste livro sobrepõe o dia e o mês em que nasço 1936, 29 de setembro, ao dia e mês em que morre o grande escritor em 1908, 29 de setembro. O narrador sobrepõe o personagem nascido numa distante cidade interiorana de Minas Gerais ao protagonista morto na capital federal do Brasil. [...] a sobreposição desencontrada dos dois corpos e das duas vidas, o desembestado e o atrevido encontro das duas sensibilidades é armado pelo jogo do Acaso [...] <sup>34</sup>

Valendo-nos dos pressupostos alusivos à publicação do livro *Machado* em 2016, da amizade de Machado com Mário de Alencar e do diálogo na diferença com a tradição literária brasileira, Santiago, tal qual Machado fizera com Alencar, nos deixa como herança uma obra para (re)pensarmos a crítica também na diferença. *Machado* é um romance que extrapola os padrões de gênero ao misturá-los, fundamentando uma crítica ensaística no corpo de uma ficção epilética. Machado de Assis mudou a vida de Mário de Alencar da mesma forma com que Silviano Santiago tem feito na crítica e literatura brasileira contemporâneas. O escritor mineiro, por meio de constantes publicações de ordem crítico-ficcional, mantém um diálogo com as novas gerações.

228

## REFERÊNCIAS

MEIRELES, Maurício. “Em livro sobre Machado, Silviano Santiago une crítica e romance”. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/12/1840811-em-livro-sobre-machado-silviano-santiago-une-critica-e-romance.shtml>>. Acesso em 06 de abril de 2017.

LESSA, Carina. “O feroz inquieto”. Disponível: <<http://rascunho.com.br/o-feroz-inquiet/>>. Acesso em 08 de abril de 2017.

NOLASCO, Edgar César. Políticas da crítica biográfica. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: crítica biográfica*. v. 2, n. 4 Campo Grande: Editora UFMS, 2010, p. 35-50.

SANTIAGO, Silviano. *Machado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

---

<sup>34</sup> SANTIAGO. *Machado*, p. 52.

SOUZA, Eneida Mario de. *Janelas indiscretas*: ensaios de crítica biográfica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

TORRES, Bolívar. “Em novo livro, Silviano Santiago narra últimos anos de Machado de Assis”. Disponível em: <<http://www.oglobo.globo.com/cultura/livros/em-novo-livro-silviano-santiago-narra-ultimos-anos-de-machado-de-assis-20618575>>. Acesso em 06 de abril de 2017.

Resenha Recebida em 30 de setembro de 2016.

Resenha Aceita em 09 de abril de 2017.





